

EROTISMO NO EGITO ANTIGO: CORPO, GÊNERO E RELIGIÃO.

EROTICISM IN ANCIENT EGYPT: BODY, GENDER, AND RELIGION.

Gustavo Henrique Marques Maciel;¹¹

Maria Regina Candido¹²

Artigo recebido em 13 de outubro de 2025

Artigo aceito em 13 de janeiro de 2026

Resumo: A sexualidade no Egito Antigo era parte intrínseca da vida cotidiana, se fazendo presente na religião e na política. O ato sexual não era visto apenas como ato reprodutivo, seu simbolismo estava relacionado a dádiva da fertilidade, sobrenatural e humana. A sexualidade no Egito Antigo integrava-se de forma orgânica à vida, à fé e à arte, sendo expressão da energia criadora que sustentava o cosmos. O casamento, as representações de gênero, o culto a divindades como Min e os mitos de origem revelam uma compreensão em que prazer e fertilidade se entrelaçavam à ordem e à continuidade.

Palavras-chave: Erotismo, sexualidade, fertilidade, vida.

Abstract: Sexuality in Ancient Egypt was an intrinsic part of everyday life, present in both religion and politics. The sexual act was not viewed merely as a reproductive act; its symbolism was connected to the gift of fertility, both supernatural and human. The sexuality in Ancient Egypt was organically integrated into life, faith, and art, serving as an expression of the creative energy that sustained the cosmos. Marriage, gender representations, the worship of deities such as Min, and origin myths reveal an understanding in which pleasure and fertility were intertwined with order and continuity.

Keywords: Eroticism, sexuality, fertility, life.

Introdução

A atividade sexual, para os antigos egípcios, denotava um simbolismo que se referia ao ato de criar ou de dar vida, afastando-se do mero bel-prazer. O ato erótico remetia à ação criadora do universo, dos humanos e dos próprios deuses.

¹¹ Graduando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA-UERJ), com foco na História do Egito Antigo. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Regina Cândido. Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Liliane Cristina Coelho. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0966814769883005>.

¹² Professora Titular de História Antiga e Medieval do Departamento de História da UERJ. Possui como formação Doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001) com estágio na EFA: Escola Francesa de Atenas/Grécia. coordenadora do Núcleo de Estudos da Antiguidade/NEA/UERJ (P.710/SR-3) e coordenadora do Curso de Especialização de História Antiga e Medieval/CEHAM da UERJ (Lato Sensu). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2450300228611565>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1278-838X>.

Era essa necessidade fisiológica, ou origem biológica entre ambos, que, de certo modo, aproximava, no imaginário egípcio, o profano e o sagrado (Silva, 2013, p. 43).

Na cosmogonia egípcia, muitos deuses nasceram de um ato sexual, mesmo que não consumado entre dois seres. Como exemplo, podemos citar o mito de criação do universo, no qual o deus Atum se masturbou em Heliópolis e deu origem à vida. A autora Josiane Silva (2013, p. 178) afirma ainda que tais representações e mitos ilustram como, para os antigos egípcios, o sexo ou os atos eróticos estavam intrinsecamente ligados à formação da vida e do universo, sendo o erotismo um fator indispensável em sua cosmogonia.

No mito de criação citado anteriormente, em que Atum cria a vida por meio de sua masturbação, dando origem ao primeiro casal divino, Chu e Tefnut, há uma indagação acerca dos elementos que possibilitam esse ato. O gênero atribuído à divindade criadora poderia interferir em seus atributos divinatórios? Sendo Atum uma divindade enquadrada no espectro masculino, sua virtude sagrada poderia estar relacionada à fertilidade, mesmo sem a presença de um elemento feminino?

Segundo Guilherme Pires (2020, p. 93), alguns autores, a partir da interpretação dos textos que descrevem o mito, passaram a considerar a existência de elementos tanto masculinos quanto femininos em Atum. A mão do deus, no processo cosmogônico, atuaria como um substituto mágico para o órgão feminino.

Guilherme Pires (2020, p. 95) corrobora ainda que o ato da criação, comumente associado ao feminino, e outros elementos também assim relacionados, não descaracterizam a divindade pertencente ao espectro masculino. É possível que uma divindade masculina possua elementos considerados femininos e, ainda assim, mantenha sua identidade masculina. Afinal, é preciso compreender tais elementos de acordo com o contexto social, espacial e temporal, além de considerar as diferenças entre as categorias de masculino, feminino e outros, tanto entre deuses quanto entre humanos.

Sendo assim, os mitos cosmogônicos de Atum e de Nut e Geb são expressões do imaginário acerca do ato sexual divino, colocando-o como um símbolo da própria criação. Esses mitos serviam também como exemplo para os humanos, um modelo de como conduzir a vida e a fertilidade entre os homens (Rodriguez, 2021, p. 55).

Sexualidade e o sagrado

A expressão da sexualidade se fazia presente em contextos divinos que não estavam necessariamente diretamente ligados aos deuses. Dentro da religião egípcia, um dos principais conceitos era o Ma'at, a ordem cósmica que representava o equilíbrio do universo. Estreitamente ligado à esfera religiosa, o erotismo desempenhava um papel fundamental para a manutenção dessa ordem, sendo o prazer, tanto amoroso quanto sexual, parte desse ideal de equilíbrio (Rodriguez, 2021, p. 50).

Tal como o Ma'at, outro elemento religioso, igualmente importante e que dependia de atos eróticos para sua existência e manutenção, era o direito à vida após a morte. Em termos gerais, para garantir uma manifestação no mundo dos mortos, a alma, durante sua vida, deveria ter mantido uma vida sexual ativa, projetando para si a imagem de ser fértil. Essa imagem também precisava ser apresentada em seu túmulo, assegurando ao morto a lembrança desse elemento fundamental de sua existência (Silva, 2012, p. 72-73).

A representação das atividades sexuais na iconografia era frequentemente utilizada como um símbolo de regeneração e proteção, pois a ação de dar a vida também podia, e estava, ligada à ressurreição. A vitalidade emitida pelos atos eróticos era considerada um fator que assumia o caráter da própria criação, configurando-se mais como um ato sagrado do que propriamente profano (Rodriguez, 2021, p. 53). O caráter ritual da sexualidade se fazia presente e cotidiano na vida dos egípcios, de modo que amuletos contendo essas representações eróticas eram comumente utilizados por eles.

Figura 1: Amuleto erótico



Fonte: METROPOLITAN MUSEUM OF ART. Erotic amulet. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/553485>. Acesso em: 25 set. 2025.

As representações visuais que faziam alusão à sexualidade frequentemente apresentavam homens com falos eretos, muitas vezes em posições ou com anatomia irreais. No caso das mulheres, estas eram ilustradas com certa fidelidade ao real, nuas e com penteados ou adereços típicos do contexto de produção. Dentro da arte egípcia, a simbolização do corpo feminino refletia uma sexualização criada pelos artistas homens, na qual o feminino sofria objetificação, enquanto o masculino desfrutava de empoderamento por meio da euforia do corpo, com a representação de pênis desproporcionais, por exemplo (Meskell, 2002, p. 126 *apud* Vale, 2023, p. 228).

Mesmo entre divindades, os moldes das representações eram mantidos. Afinal, como anteriormente apontado pela autora Judit Rodriguez (2021, p. 55), são as ações carnavais dos deuses que servem de exemplo para que o homem as imite. Nesse sentido, é possível estabelecer uma proximidade entre ambas as imagens.

A diferenciação entre os atos sexuais divinos e humanos encontrava-se no resultado. Enquanto o sexo entre os humanos gerava energia, fertilidade e vida para os próprios humanos, no contexto divino o resultado era sempre igualmente sagrado: o nascimento obtido pelo intercâmbio entre duas divindades seria uma nova divindade ou ainda uma nova entidade, seja um lugar ou a representação

de um conceito. Para além do resultado, as normas estabelecidas para a criação por meio do ato erótico não necessariamente seguiam os padrões do coito, como é visto no mito de Atum, o demiurgo.

Figura 2: Composição erótica.



Fonte: BROOKLYN MUSEUM. Erotic composition. Disponível em: <https://www.brooklynmuseum.org/de-DE/objects/3641>. Acesso em: 20 set. 2025.

A estátua acima exemplifica a distinção entre os meios e formas de relação entre deuses e humanos, fazendo alusão a um ato sexual que, para nós, representaria uma das formas mais graves de vilipêndio: a necrofilia. O artefato retrata o mito de origem do deus Hórus, no qual sua mãe, Ísis, após o falecimento de Osíris, copula com seu marido mumificado, e desse ato surge Hórus.

Não podemos abordar a sexualidade dos deuses egípcios sem mencionar a divindade responsável por tal conceito: o deus Min. Min, ou  em egípcio, era o deus egípcio cuja representação consistia em um homem de pele negra, como as terras molhadas pelo Nilo, e sempre com o falo ereto, símbolo de seu atributo divino, a fertilidade e a fecundidade. Em suas aparições em forma de estátua, o deus surge com uma das mãos segurando o próprio pênis. Por vezes reverenciado como Min-Amon ou Amon-Min, o deus podia receber um disco solar em sua coroa. O deus era invocado por meio de súplicas e oferendas por homens

que buscavam ter filhos, afinal, este era considerado o patrono da sexualidade masculina. Sua oferenda mais comum era a alface, pois, ao ser colhida, esta liberava uma secreção branca que foi associada ao sêmen (Garcia, 2022, p. 136).

Divindades femininas também eram invocadas para pedidos de amor. O caso mais comum envolvia os feitiços ou clamações à deusa Hathor, divindade responsável pelo amor, pela sexualidade e pela proteção das mulheres grávidas. Práticas mágicas eram realizadas com a crença de que possuíam o poder de atrair a pessoa desejada ao invocador do feitiço. Hathor era considerada a divindade responsável pela concretização desse desejo, sendo a ela que os apaixonados recorriam em suas súplicas e encantamentos. Entre os atributos divinos da deusa, destacavam-se o poder sexual e a capacidade de regeneração (Caria, 2013, p. 96).

As entidades femininas no Antigo Egito, por muitas vezes, recebiam sentidos ambíguos, uma dupla natureza. No caso da deusa Sekhmet, por exemplo, seus atributos divinos envolviam a praga e as doenças, tornando-a uma das potências divinas mais temidas pelos homens, pois era de conhecimento de todos que a deusa não hesitaria em rogá-las àqueles que a desafiassem. Em contraponto, Sekhmet era adorada e venerada por sacerdotes chamados *swmw*¹³, tendo como mais um de seus atributos a cura (Fiorini; Manso, 2021, p. 16613).

Gênero, identidade e poder

A identidade de gênero, o sexo e a sexualidade são conceitos dinâmicos, à medida que estão submetidos às mudanças do imaginário social de cada sociedade e de cada tempo. Elementos visuais ou biológicos que denotariam uma identidade específica podem subverter-se, sendo atribuídos a outras identidades ou, ainda, não pertencer a nenhuma. As próprias categorias de gênero sofrem transformações: o masculino e o feminino adquirem uma amplitude de variações e significados, deixando de ser uma imposição binária para compor a diversa

¹³ Os sacerdotes de Sekhmet, divindade associada tanto à guerra quanto à cura, relacionavam-se à medicina por meio de práticas mágicas, fundamentando o saber e o ofício médico na teurgia e na magia (Fiorini; Manso, 2021, p. 16614).

gama de possibilidades que existe no universo do gênero (Pagnossi, 2017, p. 52).

A sexualidade configura-se como um conjunto complexo de fatores que envolve as relações e interações estabelecidas entre os membros de uma sociedade e entre esta e outros grupos. Nesse sentido, a noção de sexualidade de um indivíduo não é fixa, mas passível de transformação e ressignificação ao longo do tempo. Essas mudanças podem decorrer tanto das experiências pessoais quanto das dinâmicas socioculturais que atravessam determinado contexto histórico. Além disso, elementos simbólicos, como o calendário festivo, podem exercer influência significativa sobre as formas de expressão e percepção da sexualidade, ao promover momentos de ruptura ou inversão de normas sociais e de gênero (Meskell, 1999, p. 142-143, apud Vale, 2023, p. 228).

“Apenas uma análise crítica permite compreender o ‘masculino’ e o ‘feminino’ como construções sociais que variam em termos de classe social, gênero e etnicidade, em diferentes períodos históricos e em diferentes sociedades” (Funari, 1995, p. 180, apud Bélo, 2018, p. 37).

No Egito, quando se refere à identidade de gênero, encontram-se figuras que estão fora da binariedade de masculino ou feminino, considerando seus elementos e atributos. Hapi é uma divindade que transcende essa relação sexual, possuindo elementos tanto masculinos quanto femininos. A divindade aparece com coloração azul, apresenta uma barriga avantajada e seios pendentes, que remetem a seus atributos femininos e à fertilidade, enquanto porta outros elementos, como barba postiça e vestimentas, associados a características masculinas (Ahmed, 2017, p. 46).

Figura 3: O deus do Nilo, Hapi.



Fonte: MUSÉE DES BEAUX-ARTS DE LYON. The Nile God Hapi. Disponível em: <https://www.mba-lyon.fr/en/fiche-oeuvre/nile-god-hapi>. Acesso em: 14 de maio, 2025

Não era incomum encontrar menções de faraós que utilizavam a imagem de Hapi para reafirmar seu poder. Ramsés II, por exemplo, recorre a essa divindade para expressar sua autoridade sobre o Egito e sobre os atributos de fertilidade e abundância associados à figura de Hapi, apresentando-se como aquele que fecunda a terra. Isso demonstra que o gênero, de certo modo ambíguo, da divindade não representava um problema para a sociedade egípcia (Stella, 2024, p. 112).

Na esfera política, o gênero está, de fato, associado ao corpo do governante, uma vez que os faraós frequentemente incorporavam simbolicamente o princípio do provedor, aquele que assegura a ordem, a fertilidade e a prosperidade do Egito. Essa representação ultrapassa o campo biológico e assume uma dimensão ideológica, na qual o corpo do rei torna-se metáfora do equilíbrio cósmico e social. Assim, o governante é visto como o responsável por nutrir a terra, garantir as cheias do Nilo e manter a harmonia entre os domínios divino e humano, reafirmando seu papel de mediador entre ambos. Assim, a relação entre gênero, corpo e poder no Egito Antigo revela-se

como construção simbólica complexa, onde a autoridade real expressa também a harmonia entre o masculino e o feminino (Stella, 2024, p. 120).

Conclusão

A sexualidade, no Egito Antigo, transcendia o campo do prazer e assumia um papel essencial na estrutura simbólica, religiosa e política da sociedade. O ato erótico, entendido como força criadora, não apenas explicava a origem do universo, mas também servia como metáfora da fertilidade, da regeneração e da manutenção da ordem cósmica. As divindades egípcias, ao expressarem simultaneamente atributos masculinos e femininos, revelam uma compreensão fluida e complexa do gênero, distante da rigidez binária que marcaria concepções posteriores. No plano terreno, o corpo do faraó refletia essa mesma lógica simbólica, era o eixo de ligação entre os domínios humano e divino, encarnando tanto a potência geradora masculina quanto a capacidade nutridora feminina.

Assim, o gênero, longe de ser uma limitação, constituía um instrumento de poder e de expressão da ordem universal. Dessa forma, compreender as relações entre erotismo, religiosidade e gênero no Egito Antigo é compreender também como os egípcios pensavam a própria existência, um contínuo ciclo de criação, fecundidade e renovação sustentado pelo equilíbrio entre forças complementares.

Bibliografia

- AHMED, Ayman Mohamed. IAT: The Milk Goddess in Ancient Egyptian Theology. *Journal of the General Union of Arab Archaeologists*, v. 2, p. 28–56, 2017. Disponível em: https://jguaa2.journals.ekb.eg/article_4793_1737073a09c5b8b4740c14fa3d56056d.pdf. Acesso em: 18 out. 2025.
- ARAÚJO, Luís Manuel de. *Estudos sobre o erotismo do Egito Antigo*. 2. ed. Lisboa: Colibri, 2000.
- BÉLO, Tais Pagoto. Os estudos de gênero na arqueologia. In: FUNARI, Pedro Paulo; CAMARGO, Vera Regina Toledo (orgs.). *Divulgando o patrimônio arqueológico* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Bonecker, 2018. p. 31–42.

Disponível em: <https://www.ufrgs.br/arqueologiaemrede/wp-content/uploads/2020/11/Livro-Divulgando-o-Patrimonio-Arqueologico-4.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2025.

CARIA, Thamís Malena Marciano. Aspectos da condição feminina no Antigo Egito. *Revista Mundo Antigo*, Ano II, v. 2, n. 1, jun. 2013. ISSN 2238-8788. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/40241604/artigo04-2013-1-libre.pdf>. Acesso em: 26 out. 2025.

FIORINI, Lucas Rospendowski; MANSO, Maria Elisa Gonzalez. As origens da medicina ocidental: Mesopotâmia e Egito Antigo. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 16609–16615, jul./ago. 2021. ISSN 2595-6825.

GARZÓN RODRÍGUEZ, Judit. Exploring the Expression of Sexual Desire in Ancient Egypt through a Selection of Primary Sources: An Approach from the Emotional Perspective. 2021.

LIMA, Luana Rodrigues. Gênero e religião no Egito Antigo: o papel das mulheres e das divindades femininas. 2025. 21 f.: il. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Natal, RN, 2025.

MESKELL, Lynn. *Archaeologies of Social Life: Age, Sex, Class et cetera in Ancient Egypt*. Oxford: Blackwell, 1999.

PAGNOSSI, Nádia Carrasco. Construindo uma arqueologia de gênero. *Revista Arqueologia Pública*, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 50, jul. 2017. ISSN 2237-8294.

PALMA, Quezia Marques. A mulher no Egito Antigo: deusas, rainhas e senhoras da casa. 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/91226474/A_mulher_no_Egito_Antigo_deusas_rainhas_e_senhoras_da_casa. Acesso em: 26 set. 2025.

PIRES, Guilherme Borges; ALMEIDA, Isabel Gomes de; BRANCO, Isabel Araújo. Introdução: Divino masculino, divino feminino, divino outro. *Diacrítica*, Braga, v. 38, n. 3, p. 1–15, 2024. DOI: 10.21814/diacritica.6292.

PIRES, Guilherme Borges. Pode um deus dar à luz? Msj nos hinos religiosos do Império Novo Egípcio (c. 1539–1077 a.C.): para uma (re)avaliação da “androginia” da divindade criadora. *Mare Nostrum*, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 61–103, 2020. DOI: 10.11606/issn.2177-4218.v11i1p61-103. Disponível em: <https://revistas.usp.br/marenostrum/article/view/166334>. Acesso em: 17 ago. 2025.

SILVA, Josiane Gomes da. Espaço das representações sexuais e eróticas no Egito Antigo. *Revista Espacialidades*, v. 5, n. 4, p. 69–98, 2012.

SILVA, Josiane Gomes da. O Papiro Erótico de Turim e os Espaços do Cotidiano no Egito Antigo. 2013.

SILVA, Josiane Gomes da. Sexualidade, pornografia e bordéis: desejo e prazer no Egito Antigo. Trabalho apresentado na XIII Semana de Antropologia da UFRN, Natal/RN, 2015.

STELLA, Thomas Henrique de Toledo. O Crepúsculo do Antigo Egito Imperial: Contradições Estruturais da Economia Raméssida na Geopolítica do Colapso da Idade do Bronze. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2024.

VALE, Alessandra Pinto Antunes do. *O desenvolvimento da literatura lírico-amorosa no Egito Antigo*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2023.